

# O Processo de Inclusão na Educação Infantil: o que Professores e Equipe Gestora nos Contam

## The Process of Inclusion in Early Childhood Education: What Teachers and Management Team Tell us

Raíssa Anahy Machado<sup>\*a</sup>, Tatiane Negrini<sup>b</sup>

<sup>a</sup>Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Políticas Públicas e Gestão Educacional. RS, Brasil.

<sup>b</sup>Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Educação Especial. RS, Brasil.

\*E-mail: [raissaanahy@gmail.com](mailto:raissaanahy@gmail.com)

---

### Resumo

O presente artigo parte de uma pesquisa realizada no curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, cujo objetivo principal foi investigar as práticas pedagógicas de professores de uma escola de Educação Infantil do município de Cachoeira do Sul/RS, no que diz respeito ao processo de inclusão e aprendizagem de crianças público-alvo da Educação Especial. Este artigo, pretende discutir desafios e possibilidades encontradas no processo de inclusão de uma escola regular de Educação Infantil, buscando refletir através da prática pedagógica dos professores, caminhos para uma educação inclusiva. O estudo se apresenta como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, de natureza aplicada, de caráter exploratório e descritivo. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se uma entrevista narrativa, com oito participantes sendo que, três são integrantes da equipe gestora e cinco são professoras da sala regular em que os estudantes público-alvo da Educação Especial estão matriculados. A análise dos dados foi desenvolvida na proposta de análise de conteúdo, organizando os aspectos mais relevantes para a constituição desta pesquisa, a partir da categorização do conteúdo. Constatou-se a necessidade de formações continuadas aos professores, a fim de, ampliarem o seu conhecimento sobre a inclusão, enriquecendo os saberes já construídos, refletindo sobre sua prática em sala de aula e desconstruindo algumas ideias.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Educação Inclusiva. Práticas Pedagógicas.

### Abstract

*This article is part of a research carried out in the Professional Master's course of the Postgraduate Program in Public Policies and Educational Management at the Federal University of Santa Maria - UFSM, whose main objective was to investigate the pedagogical practices of teachers at an Early Childhood Education school in the municipality of Cachoeira do Sul/RS, with regard to the process of inclusion and learning of children targeted by Special Education. This article intends to discuss challenges and possibilities found in the process of inclusion of a regular kindergarten school, seeking to reflect, through the pedagogical practice of teachers, ways for an inclusive education. The study presents itself as a qualitative research of the case study type, of an applied nature, with an exploratory and descriptive character. As a data collection instrument, a narrative interview was used, with eight research participants, three of which are members of the management team and five are teachers of the regular classroom in which the target audience of Special Education students are enrolled. Data analysis was developed in the proposal of content analysis, organizing the most relevant aspects for the constitution of this research, from the content categorization. There was a need for continued training for teachers, in order to expand their knowledge about inclusion, enriching the knowledge already built, reflecting on their practice in the classroom and deconstructing some ideas.*

**Keywords:** Special Education. Inclusive Education. Pedagogical Practices.

---

### 1 Introdução

O processo de inclusão é uma realidade presente nas escolas regulares, garantido nas políticas públicas educacionais, que vem sendo fortemente discutido desde a Declaração de Salamanca, assinada na Espanha, em 1994. Este processo se instituiu como um movimento de direito das crianças público-alvo da Educação Especial de vivenciar descobertas, trocas, novas interações, superação de limitações, aprendizagens significativas e, conseqüentemente, se desenvolver integralmente na escola regular.

O presente artigo parte de uma pesquisa finalizada no ano de 2022, no curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional

da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM.

Durante o percurso desta pesquisa e, após a categorização dos dados coletados através de entrevista narrativa com os professores da sala regular e com a equipe gestora, surgiram três categorias. No presente artigo faremos o recorte de uma destas categorias, denominada “Práticas pedagógicas na Educação Infantil: planejamento e estratégias metodológicas”, realizando assim, uma análise mais aprofundada.

Pensar na prática pedagógica em sala de aula é pensar na prática pedagógica para um grupo heterogêneo, pois, todos nós somos humanos, somos únicos, portanto, somos diferentes uns dos outros, pensamos de modos diferentes, agimos de maneiras diferentes, possuímos vivências diferentes, e,

por isso, aprendemos e enxergamos o mundo de maneiras diferentes.

A escola precisa estar preparada para atender toda essa demanda de singularidades, individualidades e maneiras diferentes de aprender, diante disso, todos os profissionais precisam se atualizar e aperfeiçoar seus saberes, buscando diferentes possibilidades para promover a inclusão e garantir a estas crianças que suas singularidades e necessidades serão respeitadas, proporcionando o seu desenvolvimento. Como nos diz o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 36): “O principal desafio da Escola Inclusiva é desenvolver uma Pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todas, sem discriminação, respeitando suas diferenças”.

Segundo Carvalho (2005), a prática da inclusão constitui-se em conscientizar-se da diversidade dos alunos e respeitá-la. Para a autora, a escola inclusiva é aquela que atende e reconhece às diferenças individuais de cada um dos seus alunos, não somente dos alunos público alvo da Educação Especial, mas de todos os alunos.

A partir desta perspectiva, o texto pretende discutir desafios e possibilidades encontradas no processo de inclusão de uma escola regular de Educação Infantil, buscando refletir através da prática pedagógica dos professores, caminhos para uma educação inclusiva.

## 2 Material e Métodos

O presente estudo se apresenta como uma pesquisa qualitativa, uma vez que, se foca no sujeito e em uma perspectiva de análise do contexto e descrição dos dados, Bogdan e Biklen (1982 apud LUDKE; ANDRÉ, 2014, p.14) exemplificam a pesquisa qualitativa como aquela que “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Este estudo se apresenta como uma pesquisa de natureza aplicada, segundo Gil (2008, p.25) a pesquisa aplicada “abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas identificados no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem”. Com base nesta definição, podemos afirmar que este estudo é de natureza aplicada, pois pretende-se realizar uma investigação sobre as práticas pedagógicas de professores de uma escola de Educação Infantil do município de Cachoeira do Sul/RS, no que diz respeito ao processo de inclusão e aprendizagem de crianças público alvo da Educação Especial, e posteriormente produzir uma diagramação do fluxo de ações de uma escola para a promoção da educação inclusiva, assim, ainda define Gil (2008, p.25) uma “pesquisa voltada à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica”.

De acordo com os objetivos traçados, podemos ainda, caracterizar esta pesquisa como sendo exploratória e

descritiva, Gil (2008, p.26) descreve a pesquisa exploratória como aquela que “tem o propósito de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”, ou seja, busca explorar um problema, de modo a fornecer informações para uma investigação mais precisa. Gil (2008, p. 26) ainda, conceitua a pesquisa descritiva como aquela que “objetiva a descrição das características de determinada população ou fenômeno”, assim sendo, visa descrever algo.

Além disso, podemos caracterizá-la ainda, como uma pesquisa do tipo estudo de caso, pois foi estudada e analisada a realidade de uma escola de Educação Infantil do município de Cachoeira do Sul, cuja escolha se justificou pelo fato de a instituição ser o local de trabalho da pesquisadora, bem como, por ter um número significativo de alunos público-alvo da Educação Especial matriculados.

Esta pesquisa teve oito participantes, sendo que, três são integrantes da equipe gestora da escola (diretora, vice-diretor e coordenadora pedagógica) e cinco professoras da sala regular em que os estudantes público-alvo da Educação Especial estão matriculados.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se uma entrevista narrativa, já que, esta envolve a compreensão da situação e do contexto vivido. As entrevistas foram organizadas por meio de tópicos-guias elaborados a partir dos objetivos propostos para o estudo e possibilitaram aos participantes narrar de maneira aberta e descritiva a respeito de suas vivências e concepções sobre o tema em questão, a inclusão de estudantes público-alvo da Educação Especial na Educação Infantil.

A realização das entrevistas aconteceu individualmente de duas formas, de acordo com a disponibilidade dos participantes. Com cinco participantes a aplicação da entrevista foi de forma presencial na escola e com outros três participantes a aplicação aconteceu através de videoconferência pela plataforma Google Meet.

A análise qualitativa dos dados foi realizada através da análise de conteúdo, segundo Bardin (2016) trata-se de um conjunto de instrumentos metodológicos, que investigam e interpretam o conteúdo expresso nas respostas, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos. A análise do conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás do significado das palavras, buscando aquilo que a mensagem veicula em seu contexto.

Na análise de conteúdo, Bardin (2016) considera três etapas básicas: pré-análise, extrapolação do material e o tratamento dos resultados. Neste sentido, primeiramente as narrativas foram transcritas na íntegra, neste momento, já obtivemos uma melhor observação da fala dos professores, bem como, dos termos e conceitos utilizados durante a entrevista. Em seguida, foram realizadas várias leituras das narrativas, com o objetivo de identificar aspectos relevantes e categorizar os dados de forma que melhor respondessem aos

objetivos desse estudo.

Após, surgiram três categorias: “O processo de inclusão na Educação Infantil: concepções dos professores e equipe gestora”; “Práticas pedagógicas na Educação Infantil: planejamento e estratégias metodológicas”; e “Desafios encontrados pelos professores no processo de inclusão”.

O produto resultante desta investigação foi proposto ao final da análise dos dados, este se deu por meio da elaboração de uma diagramação do fluxo de ações da escola para a promoção da educação inclusiva. Esta diagramação foi pensada e estruturada para servir como modelo, abrangendo os caminhos básicos e os caminhos pedagógicos que uma proposta da educação inclusiva exige e precisa na escola.

A pesquisa passou pela avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Santa Maria, tendo sido aprovada pelo mesmo, com o parecer consubstanciado número 4.646.683.

### 3 Resultados e Discussão

Esta seção busca provocar reflexões acerca das narrativas dos participantes da pesquisa, no que diz respeito a organização das práticas pedagógicas, ou seja, planejamento e estratégias metodológicas adotadas nas suas salas de aulas regulares de turmas de Educação Infantil, a fim de, promover a inclusão.

Conforme referendado nas políticas públicas educacionais, a inclusão escolar deve ter início na Educação Infantil, pois é nesta etapa que se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global, bases estas importantíssimas para todas fases da vida que virão a seguir. Segundo Mendes (2010, p.47-48):

Os primeiros anos de vida de uma criança têm sido considerados cada vez mais importantes. Os três primeiros anos, por exemplo, são críticos para o desenvolvimento da inteligência, da personalidade, da linguagem, da socialização, etc. A aceleração do desenvolvimento cerebral durante o primeiro ano de vida é mais rápida e mais extensiva do que qualquer outra etapa da vida, sendo que o tamanho do cérebro praticamente triplica neste período. Entretanto, o desenvolvimento do cérebro é muito mais vulnerável nessa etapa e pode ser afetado por fatores nutricionais, pela qualidade da interação, do cuidado e da estimulação proporcionada à criança.

Quando solicitado para que explanassem como realizam o planejamento de suas aulas, todos os participantes da pesquisa responderam que, realizam apenas um planejamento de modo a atender todos os seus estudantes, alguns ainda afirmaram que em determinadas atividades modificam apenas a maneira de realizá-la ou disponibilizam outro recurso, conforme relatado pelo Professor C:

a pintura com mais detalhes que eu vejo que eles ainda não desenvolveram motricidade, então eu faço a mesma atividade mas com tinta, faço uma adaptação ali naquele momento, às vezes eu tento fazer com eles e eles não conseguem, eu mudo na hora pra eles.

Ainda, em relação ao planejamento, podemos observar na fala do professor H que ele entende no momento do seu

planejamento que deve ser respeitada a individualidade de cada estudante e compreende que em uma turma terão diferentes ritmos ao aprender, independentemente de ser um estudante público-alvo da Educação Especial ou não, quando ele exemplifica que:

Eu vou desenvolver tal proposta de acordo com a possibilidade das crianças, porque eu tenho sete crianças na minha turma e dentre essas sete eu tenho uma que é da Educação Especial, eu não vou fazer uma proposta pra seis e outra pra sétima, eu vou fazer uma proposta pra todos e cada um vai desenvolver essa proposta de forma diferente, nenhuma delas vai desenvolver da mesma forma e a gente não vai considerar que o fulano fez errado ou fulano fez certo, porque ali a gente está proporcionando experiências e vivências pra todas as crianças (Professor H).

Com essa ideia, corrobora Beyer (2013, p.28) quando afirma que “[...] precisamos entender que as crianças são diferentes entre si. Elas são únicas em sua forma de pensar e aprender”. Nesse contexto, o professor precisa acreditar e visualizar os potenciais que os seus estudantes apresentam, como também, suas necessidades e dificuldades, porém, isso só é possível a partir do momento em que o professor se permite ousar e se desacomodar, quando compreende que “o ensino deve ser organizado de forma que contemple as crianças em suas distintas capacidades” (BEYER, 2013, p.29).

Quando solicitado para que relatasse como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula com o seu estudante público-alvo da Educação Especial, os professores trouxeram que:

Às vezes, os colegas estão todos sentados assistindo a história e eles estão caminhando na sala, ou fazendo alguma outra coisa, mas lá pelas tantas eu vejo que eles prestaram atenção em algum detalhe da história. Mas eles não ficam sentadinhos assistindo a história com os outros (Professor C).

Eu pego um por um e vou atendendo, então eu chamo “senta aqui com a profe”, eles sentam e eles fazem o que eles conseguem dentro da proposta. E se não quiserem fazer eu não vou insistir, mas assim, um sempre faz, o outro tem mais dificuldade em fazer. Agora ele está começando a fazer mais, no início ele nem sentava, ficava só caminhando dentro da sala. Agora ele já senta, eu fico ali com ele e daí ele faz. Às vezes ele resiste muito, daí eu deixo, mas geralmente ele está sentando, está conseguindo fazer agora comigo (Professor D).

Podemos observar nas narrativas destes dois professores que ambos estão olhando para seus estudantes público-alvo da Educação Especial como o “estudante ideal”. As práticas seriam bem mais satisfatórias se esses profissionais entendessem a educação infantil como um universo único, onde as crianças precisam brincar, interagir, explorar, experienciar e vivenciar. Porque a criança precisa assistir a história sentada com os colegas, se naquele momento o foco dela está sendo outro? Se o professor ofertasse a atividade do interesse da criança naquele momento os ganhos que esta proporcionaria e desencadearia no seu desenvolvimento não seriam bem maiores? Este professor conhece realmente o seu estudante e está respeitando sua individualidade? Este estudante está preparado para ficar sentado, ou ainda é necessário ofertar

outras experiências antes de querer que ele “fique sentado”? Nesta perspectiva, Carneiro (2012, p.89) salienta:

[...] é sabido que a aprendizagem é um fenômeno individual e particular sendo experienciada de forma diferente por diferentes sujeitos. No entanto, todo o planejamento do professor é voltado para este alunado. No momento em que ele recebe em sua turma um aluno com necessidades específicas, torna-se necessário que seu planejamento seja flexível a ponto de oportunizar modificações efetivas sem, contudo, minimizar sua qualidade. Essa flexibilização curricular deve englobar toda a prática pedagógica do professor. O planejamento de suas atividades deve considerar as formas diferentes de aprender dos alunos. Em caso de alunos com deficiência, cada característica específica de aprendizagem deve ser considerada, passando por ações práticas na realização da aula, buscando metodologias, estratégias e recursos condizentes com as necessidades individuais.

O direito de acesso e participação às práticas pedagógicas devem ser iguais para todos, mas as especificidades individuais não podem ser desconsideradas para que não ocorra uma exclusão na inclusão. Diante disso, se torna fundamental a presença de uma equipe gestora, principalmente da coordenação pedagógica, para ouvir as dificuldades e anseios dos professores, para auxiliá-los nesta prática, sugerindo leituras, provocando-os e fazendo-os refletir, enfim, dando o suporte necessário e intervindo com sugestões quando necessário.

O processo de inclusão vem ao encontro de uma desconstrução das velhas práticas adotadas em sala de aula, fazendo-se repensar suas intenções, objetivos e que sujeitos pretendem formar. Assim, destaca-se a importância da promoção de formações continuadas por parte da gestão escolar, que para Nóvoa (2002, p.23), “o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”. O professor deve estar aprendendo sempre, precisa qualificar-se constantemente a fim de aprimorar seus conhecimentos para atender a novas demandas que vão surgindo e necessidades de seus alunos, para assim, contribuir da melhor maneira possível para a qualidade na educação.

Corroborando com Nóvoa (2002), Carvalho (2008) traz a contribuição do “professor-pesquisador” para as práticas pedagógicas de inclusão na sala de aula, segundo a autora o “professor-pesquisador” é aquele que “registra sua prática, que colhe dados, que dialoga com a realidade, procurando analisar os fatores que interferem, facilitando ou dificultando o processo” (2008, p.69).

Ainda, sobre as práticas pedagógicas, dois professores apontaram que na Educação Infantil o mais importante a ser desenvolvido com os estudantes público-alvo da Educação Especial é a socialização.

Eu penso que nesse momento agora na educação infantil o foco é a socialização. A dificuldade que especificamente o autista tem de socializar, de trocar brinquedos, de saber a sua hora de falar, sua hora de brincar, compartilhar o espaço que ele tá brincando. Então, esse momento que eles estão

vivenciando na idade deles é justamente a socialização. A minha maior preocupação do que com a questão pedagógica de aprendizagem nesse momento agora tão pequenos (Professor C).

Eu acho que o mais importante na educação infantil não é eles conseguirem realizar as propostas, é a convivência, é a vivência, é a troca de experiências, eles conviverem com outras crianças eu acredito que isso seja o mais importante (Professor G).

Sabe-se que o papel da Educação Infantil na vida de toda criança é muito mais do que somente a socialização, segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018) considerando os eixos estruturantes, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento devem ser assegurados para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver, são eles:

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2018, p.36).

Portanto, nesta etapa são construídas aprendizagens e desenvolvidos outros aspectos além do social, como o físico, emocional, cognitivo e psicomotor, são desenvolvidas bases necessárias para a construção do conhecimento e desenvolvimento global do estudante.

Esta etapa é fundamental e indispensável para as crianças, um universo único, repleto de encantos e descobertas, espaço educativo que proporciona inúmeros ganhos no desenvolvimento e formação do ser. Conforme garante na Política Nacional de Educação Especial (2008, p.16):

A inclusão escolar tem início na educação infantil, onde se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a



valorização da criança.

Ficou subtendido na fala dos professores que em diversas atividades alguns alunos não se interessam em realizar, e quando isso acontece eles “não forcem”, ou ainda “saem para uma caminhadinha pela escola”, como podemos observar nas narrativas que seguem.

Eu não fico forçando eles a fazerem tal qual, eles vão fazer de acordo com a vontade deles (Professor B).

A gente não força a criança a fazer alguma coisa, se ela quer ficar caminhando pela escola, se ela quer só brincar, se ela quer só interagir, é isso que ela vai fazer porque talvez esse seja o desenvolvimento bom pra ela no momento, esse é o foco, é interação (Professor F).

O que eu sempre peço pras gurias é não forcem as crianças, não só as inclusas, mas qualquer uma não forcem. De repente dá uma saidinha, uma caminhadinha, não obrigar “tu tem que fazer”, é ir até aonde ele consegue. Eu peço também pras gurias tudo que elas vão oferecer pros demais que elas ofereçam para as crianças inclusas (Professor G).

Ficamos a nos questionar, com qual o objetivo é feita essa “caminhadinha pela escola”? Porque este estudante está saindo da sala de aula e quais habilidades estão sendo desenvolvidas com essa prática?

O professor deve trabalhar a partir das curiosidades e interesses dos seus estudantes, desta forma, ele irá interessar-se no que será proposto. Carvalho (2008, p.65) afirma que “não há ensino se não houver aprendizagem e esta só ocorre se tiver significado para alunos, interessados e motivados em suas relações com os saberes”. A inclusão escolar só se torna significativa quando é desenvolvida a aprendizagem às crianças, sendo realizada de modo a atender as particularidades de cada estudante. A proposta de ensino inclusivo voltado à diversidade dentro da sala de aula trazida pela Declaração de Salamanca, em seu item 26 diz:

O currículo deveria ser adaptado às necessidades das crianças, e não vice-versa. Escolas deveriam, portanto, prover oportunidades curriculares que sejam apropriadas a criança com habilidades e interesses diferentes (BRASIL, 1994, p.8).

Nesse sentido, Carneiro (2012) traz a ideia de que uma prática pedagógica visando um ensino inclusivo deve ser constituída pelo conhecimento adquirido pelo professor ao longo da sua caminhada juntamente com a sua disposição em buscar novas metodologias, considerando a diversidade dos seus estudantes e as suas características individuais, ou seja, o professor deve conhecer os seus estudantes e ser um pesquisador.

Entretanto, precisamos ter muito cuidado ao olhar para esse professor, para que não seja colocada apenas sobre ele a responsabilidade pelo processo de inclusão na escola. É fundamental a integração de todos da comunidade escolar (pais, professores, gestores, governantes, profissionais de apoio) durante todo o processo de inclusão na escola regular. Segundo Carvalho (2008, p.38),

[...] a inclusão desafia, pois à mudança, estimula a flexibilidade das relações, a redistribuição dos recursos para um mais

correcto aproveitamento, o trabalho em equipa, a colaboração e a cooperação, o envolvimento de toda a escola, dos pais, da comunidade, dos diferentes serviços e dos seus profissionais a montante e a jusante do sistema educativo.

Sendo assim, faz-se necessário que cada segmento cumpra com o que lhe é cabível, ou seja, com o seu dever, a fim de, garantir a inclusão de todos alunos que estão matriculados na escola regular e conseqüentemente, o seu desenvolvimento global.

Uma escola inclusiva, desde a educação infantil, implica em pensar e repensar seus espaços, tempos, formação docente, recursos pedagógicos e profissionais. Depois de mais de vinte anos de legislação para educação inclusiva ainda é necessário pesquisar, estudar e discutir sobre este tema para que a educação inclusiva deixe de ser apenas uma imposição, um aspecto garantido na legislação, e passe a ser uma realidade em todas as escolas regulares e vista como algo essencial. A inclusão requer uma reorganização do sistema educacional de forma a garantir o acesso, permanência e condições de aprendizagem a todos os sujeitos.

#### 4 Conclusão

O processo de inclusão no ambiente escolar é questão de direito, o estudante público-alvo da Educação Especial tem o direito de frequentar uma escola regular desde a Educação Infantil, e esta deve modificar seu funcionamento para incluir todos os alunos. Dessa forma, a inclusão significa que não é o estudante que se adapta à escola, mas sim, a escola consciente de sua função inclusiva, que também se adequa às necessidades do estudante. Uma escola inclusiva deve assegurar uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações organizacionais, estratégias de ensino, recursos e parcerias com a comunidade.

A análise dos dados coletados através das entrevistas narrativas aponta a importância e necessidade do professor estar cotidianamente avaliando sua prática e atitudes dentro da sala de aula, estar revisitando o seu fazer pedagógico e permitir-se renovar a cada instante sua docência. Ainda, é necessário formações continuadas, bem como, trocas e compartilhamentos de ideias e de experiências com outros professores, a fim, de enriquecer o seu saber já construído, ou ainda, desconstruí-lo para construir novamente, com outro olhar a partir de novas vivências.

O estudo mostrou que os professores da instituição a qual esta pesquisa foi realizada necessitam de formações continuadas acerca desta temática, uma vez que, demonstram dificuldades e insegurança em realizar as práticas pedagógicas com os alunos público-alvo da Educação Especial. Ainda é necessário aos professores dar uma maior atenção ao planejamento, e assim, propor atividades que contemplem suas individualidades.

Espera-se, que esse trabalho possa contribuir com todos os atores envolvidos no processo de inclusão, no intuito de refletir sobre o seu papel e suas ações para o desenvolvimento

dos estudantes público-alvo da Educação Especial dentro da escola regular, e conseqüentemente, na construção de uma sociedade mais ética e que valorize seus indivíduos a partir de suas potencialidades.

### Referências

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEYER, H.O. A primeira condição: individualização do ensino. In: BEYER, H.O. Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 28-31.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Declaração de Salamanca. Brasília: MEC, 1994.
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARNEIRO, R.U. C. Educação inclusiva na educação infantil. *Práxis Educ.*, v.8, n.12, p.81-95, 2012.
- CARVALHO, R.E. Educação inclusiva: com os pingos nos is. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- CARVALHO, R.E. Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.
- MANTOAN, M.T.E. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MENDES, E.G. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI E.J. Inclusão e acessibilidade. Marília: ABPEE, 2006. p.29-41.
- MENDES, E.G. Inclusão marco zero: começando pelas creches. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010.
- MENDES, E.G. Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M.S.; MARINS, S. Escola inclusiva. São Carlos: EdUFSCar, 2002. p.61-85.
- NÓVOA, A. Formação de professores e trabalho pedagógico. Lisboa: EDUCA, 2002.
- VILARONGA, C.A.R.; MENDES, E.G. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. *Rev. Bras. Estud. Pedag.*, v.95, n.239, p.139-51, 2014.